

# visagens

Demônios em revôo

Deixam a carne

Jorge Luiz dos Anjos

Álvaro Andrade Garcia

Mazza Edições

1988, Centenário da Abolição da Escravidão

1998 – segunda edição

(poemas do livro editado

com desenhos do artista plástico

Jorge dos Anjos)

*nesta terra  
suor e chicotes de couro  
fizeram a riqueza que ostenta  
os mil santos da igreja  
purificado o ouro, fica  
a arte dourada esculpida  
no pedestal do paraíso*

*nesta terra  
escorrem estes rios  
subterrâneos, caldos negros  
mistura de gente e lama  
o negro ainda rasteja  
e ainda se vai a terra  
a riqueza escoada para longe*

## VIGÍLIA

horas sem fim na noite de doze de outubro

Ódio da vida resulta  
em pijama marrom  
e colar de certeza  
estrangulando o pescoço  
repousando no tempo

as trevas também acordam  
lançam ao vento  
um derradeiro suspiro

o vazio preenche o ar  
o ambiente sufoca as nuvens  
as cores se fundem em preto  
os sentimentos no pavor

"Ntori pé ɓ̀s̀u bi Olódùmarè é ti mòó si,  
ni pé irú ònà nkan gbogbo tó jé iseé rè,  
enikéni ti ɓ̀s̀u bà si wá pèlu rè,  
ɓ̀s̀u yi, ò n láti móo se àwon isé  
yi ni ònà ti ó jé ìrànwó ati àgbéga  
orúko àti agbára gbogbo fún olúwaa rè"<sup>\*</sup>

---

"Em virtude da maneira como Èsù foi criado por Olódùmarè, ele deve resolver tudo que possa aparecer e isso faz parte de seu trabalho e de suas obrigações. Cada pessoa tem seu próprio Èsù; o Èsù deve desempenhar seu papel, de tal modo que ajude a pessoa para que ela adquira um bom nome e o poder de desenvolver-se".

Texto recitado pelo Babaláwo Ifátoogun de Ilobu.

in "Os Nàgô e a morte" de Juana Elbein dos Santos, pg 131; editora Vozes, 1977.

que aflição  
perdi o sono  
não se dorme

que aflição  
perdi o sono  
não se dorme

com esta cabeça  
confusa confusa  
confusa confusa

os pesadelos  
os pesadelos  
os pesadelos

se repetem  
se repetem  
se repetem

a cada noite  
a cada noite  
a cada noite

a máscara que escondeu o encontro  
turbou água e sofrimento  
vestiu agora uma saia no momento

a solidão tomba  
a árvore que o tempo vergou

não há mais bocas úmidas  
corpos cheios de sangue

corrompe o silêncio  
as chamas da fogueira  
fogo que devora  
as razões da pureza

- moral volátil do mundo humano -

sobe na bruma  
o barro que se decompõe  
nos porões do sorriso

manifesta a náusea, vômito

escarro de imagens  
dos demônios aprisionados  
- animus ocultos da conduta -

os seres do horror



o tempo agora é nefando

o preto incorpora

- boca de ódio -

as cores dopadas

o corpo arruinado

no fogo das mortalhas

estuprado pela sensatez

um coro de gritos se agita

num marejar de gargantas abafadas

ouço soarem sinos

converso com vozes

que cantam intérmios hinos

farejo migalhas podres a esvoar

neste ar tão invisível

o ódio comete  
violências aéreas  
impertinências visuais

dedos se quebram na tortura  
- a usura da humanidade  
que esvanece e esco -

de pedra bruta  
o molde dos corpos  
estes corpos aprisionados na rocha

e o subterrâneo  
de tarefas interrompidas  
na metade aniquilada?

pausa para o sossego

- só há gorgulho -  
barulho do cérebro  
dos ruídos mortíferos

nãos ao vento

e uma multidão de corpos  
me alisa neste espantoso medo

violentei o tempo!

um pênis de brita  
urina na face da violeta  
assustado?  
larvas de vulcão

caldos indecentes

uma asquerosa procissão  
escorrem as larvas do mal

faméricos aguardam  
os desejos de aniquilamento

sedentos aguardam  
no chiqueiro da alma  
os inocentes e fracos

ah nutrição maldita!  
os odores afastariam os porcos

Três divindades ocultam  
a sujeira dos séculos!

O que é preto busca o negro  
da mistura do pote  
que se afaste, a sujeira  
- a diferença entre o que sou  
e o lixo das eras -

quantas violei  
esperanças e himens  
na ilusão parda, dissipando  
o ódio armazenado dos séculos?

quantos demônios terei  
no palco acastanhado de meus olhos?

quantos gritos adsorvi  
e traguei na amargura  
sujeita a todos os homens?

quantos quantos  
que seriam tantos  
que nem sei

afasto as nuvens com os dedos

avisto agora a paisagem do mal

que durante as horas do dia

se nutre com leis e a moral

se esconde, desdenhosa

entre cumprimentos e abraços

arrebentando secretamente

o que resta de humanidade

- recolho visagens

machados ceifam a espera -

solidão e barbárie  
até quando?

favores escondem  
sorrisos sodômicos

- prazer em doer a alegria? -

e quando não houver  
o que vomitar  
a não ser  
o próprio ser  
a náusea



ao fim

ilusão, o corpo  
exaure suas forças

os demônios não afligem mais  
são pobres diabos